

PERFIL DO ALUNO TRABALHADOR DE UM CURSO DE ENGENHARIA DIURNO

Ludmilla Fagundes Cardoso (IC) e Raquel Cymrot (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

A crise econômica pela qual o Brasil está passando tornou necessário a muitos estudantes universitários, matriculados em cursos diurnos, contribuírem com a renda familiar. Esta dupla jornada faz com que, muitas vezes, a vida acadêmica do aluno seja prejudicada, em especial alunos do curso de Engenharia diurno. Porém a necessidade de ganho financeiro não é a única razão que leva tal aluno a entrar precocemente no mercado. O objetivo desta pesquisa foi identificar o perfil do aluno trabalhador de um curso de Engenharia diurno. A pesquisa foi realizada por meio de três questionários aplicados a cada um dos grupos: aluno que nunca trabalhou durante o curso; aluno que já trabalhou durante o curso, mas não exerce mais atividade laboral; e aluno trabalhador. Visou-se identificar o que difere o aluno trabalhador dos demais. A amostra foi constituída por 365 alunos matriculados em um curso de Engenharia no período diurno na Universidade Presbiteriana Mackenzie, no ano de 2019. Após a consolidação dos dados e realização da análise descritiva, alguns testes indicaram relações de dependência da variável grupo com outras variáveis e diferença de médias nos três grupos analisados. Entre as conclusões, destacam-se que a maioria dos alunos trabalhadores exercem atividade informal ou já foi efetivado no trabalho e que os motivos mais apontados de ingressar no mercado de trabalho precocemente foram a busca por independência e para adquirir experiência para o currículo. Comparando-se os três grupos, os alunos trabalhadores consideraram mais sua saúde mental e sono como ruim ou péssimo.

Palavras-chave: Universitários. Aluno trabalhador. Período diurno.

ABSTRACT

The economic crisis that Brazil is going through has made it necessary for many university students, enrolled in day courses, to contribute to family income. This double journey often impairs the student's academic life, especially students in the daytime engineering course. But the need for financial gain is not the only reason that leads students to enter the market early. The objective of this research was to identify the profile of the working student of a daytime Engineering course. The research was conducted through three questionnaires applied to each of the groups: student who never worked during the course; student who already worked during the course, but no longer work; and student worker. It aimed to identify what differs the student

worker from the others. The sample consisted of 365 students enrolled in a daytime engineering course at Mackenzie Presbyterian University, in 2019. After data consolidation and descriptive analysis, some tests indicated relationships of dependence of the variable group with other variables and difference in the three groups averages analyzed. Among the conclusions, it was highlight that the majority of student workers engage in informal activity or are already effective, and that the most mentioned reasons for entering the labor market early were the search for independence and to gain experience for the curriculum. Comparing the three groups, the student workers considered their mental health and sleep bad or terrible.

Keywords: University. Student worker. Daytime.

1. INTRODUÇÃO

O sistema econômico vigente no Brasil é o capitalista (SOUTO, 2017). Tal sistema propicia uma disputa das empresas pelo mercado, ocasionando uma busca destas pela qualidade, bem como pelo crescimento da produtividade e das inovações tecnológicas. Este cenário motiva uma maior procura por profissionais qualificados, que possuam a capacidade de desempenhar sua função de modo adequado. Como consequência, tem-se a busca da graduação em um curso superior como um dos meios de preparo e crescimento pessoal, facilitando a inserção e desenvolvimento dentro do mercado de trabalho.

Segundo Costa (2014) a educação é fator determinante para a formação com respeito ao mercado de trabalho, havendo pressão constante para que os jovens sigam estudando de modo a melhorar sua qualificação.

No início do século XXI o Brasil apresentava algumas peculiaridades quando se tratava do ensino superior. Como havia grande concorrência pelas vagas públicas no ensino superior, alunos que tiveram menos oportunidades de aprendizagem muitas vezes acabaram por ingressar em instituições privadas. Entretanto manter-se no curso superior podia ser difícil devido à falta de recursos financeiros. A alta taxa de desistência era um problema persistente tanto para instituições públicas quanto privadas (UNGLAUB, 2003).

Tanto o programa do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), instituído no ano de 2001, quanto o Programa Universidade para Todos (PROUNI) criado em 2004, são programas destinados a estudantes oriundos das classes sociais mais baixas, uma vez que o PROUNI oferece suas bolsas a alunos com renda familiar per capita de até três salários mínimos e o FIES oferece taxa real zero de juros para estudantes nesta mesma condição (BRASIL, 2015; BRASIL, 2018).

Dados de 2013 apontam que alunos com bolsas PROUNI representavam, naquele ano, aproximadamente 17% de todos os alunos matriculados em curso superior no Brasil, sendo 23% dos alunos matriculados no ensino superior privado (SANTOS; GIMENEZ, 2015).

Além dos programas do governo destinados à graduação, surgiram programas de empresas privadas de financiamento estudantil como o de crédito universitário PRAVALER criado em 2006, o crédito universitário Bradesco, entre outros. Há também bolsas filantrópicas que auxiliam aqueles alunos que de alguma forma não se enquadram nos demais programas, ou não conseguiram obtê-los. Tais meios estão disponíveis na universidade da presente pesquisa.

Estes programas permitem o ingresso de alunos que antes estavam impossibilitados de cursar o ensino superior e oferecem bolsas para cursos diurnos, vespertinos e integrais.

Entretanto, estudantes cujas famílias pertencem às classes sociais mais baixas, podem ter necessidade de exercer alguma atividade remunerada a fim de prover gastos pessoais integrados ao estudo presencial, como transporte, alimentação, entre outros, ou mesmo contribuir com a renda familiar. Além disso, esses alunos devem se preocupar em obter um bom desempenho nas disciplinas que cursam, uma vez que a bolsa adquirida pode ser perdida caso isso não aconteça.

Segundo Pereira et al. (2016), o aluno trabalhador, com sua rotina de dupla jornada, possui pouco tempo disponibilizado para estudar, descansar e até mesmo dormir, além de ter, em geral, uma má alimentação. Tal situação acaba por interferir na sua vida acadêmica, laboral e até mesmo familiar, levando muitas vezes a um fraco desempenho no seu curso superior e no seu trabalho, podendo inclusive levar a problemas de ordem física e emocional. Um primeiro passo para poder reduzir os problemas enfrentados por tais alunos é a identificação de seu perfil, analisando seus problemas, dúvidas e anseios. Com o perfil traçado, a instituição pode auxiliá-los em sua dupla jornada ou apresentar a eles outras oportunidades para satisfazerem suas necessidades, gerando um melhor aproveitamento da vida acadêmica.

O curso de Engenharia diurno, no qual foi feita esta pesquisa, oferece aulas no período diurno apenas até a sexta etapa, sendo o curso noturno a partir da sétima etapa. A presente pesquisa contribui para se identificar o quanto os alunos matriculados no curso de Engenharia no período diurno têm por motivação a aproximação entre os mundos acadêmicos e de trabalho, conforme recomendação da Conferência Mundial do Ensino Superior (1999), quando procuram se inserir no mercado de trabalho antes da sétima etapa.

A necessidade de ter uma atividade remunerada, independência econômica, mesmo que parcial, e busca de experiências no mercado de trabalho podem ser motivos para a inserção precoce de um aluno de curso superior diurno no mercado de trabalho, porém não foram encontradas muitas pesquisas que avaliassem tais motivos.

Na presente pesquisa será considerado aluno trabalhador aquele aluno que está inserido no mercado de trabalho informal ou formal, seja efetivado ou estagiando.

Considerando as informações obtidas, indaga-se: Considerando a complexidade de um curso de Engenharia e a importância dos estudos diários, surge a questão: Qual o perfil do aluno trabalhador de um curso de Engenharia diurno?

O objetivo geral desta pesquisa foi identificar o perfil do aluno trabalhador de um curso de Engenharia diurno. Os objetivos específicos foram: estimar o número médio de horas diárias que o aluno gasta nos seus deslocamentos e na atividade laboral, estimar a proporção

de alunos que estão inseridos no mercado de trabalho e dos que já estão efetivados, identificar a etapa em que se inseriram no mercado de trabalho e estimar a proporção dos alunos trabalhadores e não trabalhadores que já na época do vestibular pretendiam trabalhar nas etapas iniciais do curso. Também deseja-se identificar os motivos que levaram alunos a entrar precocemente no mercado de trabalho bem como os que levaram alunos a desistir de trabalhar antes da época recomendada pela instituição de ensino. Outro objetivo específico é identificar as percepções dos alunos trabalhadores quanto às influências positivas e negativas que o trabalho traz para seu desempenho acadêmico.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Vieira, Caires e Coimbra (2011) afirmam que, em geral, quando um indivíduo decide inserir-se no mercado de trabalho, o foco costuma ser a procura de uma atividade remunerada. Além disso, busca na prática profissional, em contextos reais do mundo do trabalho, aprendizados significativos. Tal prática costuma ocorrer no âmbito dos estágios curriculares.

Santos e Gimenez (2015) ressaltam que com a estagnação econômica que ocorreu em 2015, houve diminuição na arrecadação pública e consequente diminuição de verbas para programas sociais e de educação. Em contrapartida, a perda de empregos e a piora da renda familiar têm por consequência o aumento do número de jovens brasileiros que precisam trabalhar.

Ao pesquisarem alunos evadidos de um curso de matemática da Universidade Estadual de Maringá, Ferreira e Barros (2018) obtiveram relatos de que trabalhar e ao mesmo tempo fazer um curso que requer muita dedicação é uma dupla jornada muito árdua, podendo levar ao abandono do curso. Assim como o curso de matemática, o curso de Engenharia necessita de grande dedicação às atividades acadêmicas.

Pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) apontou que havia, em 2016, um total de 8.048.701 alunos no ensino superior. Dados de 2011 do mesmo órgão indicou que o número de estudantes nas universidades era de 6.739.689 alunos, tendo havido, em 5 anos, um crescimento de 19,42%. Analisando o número de matrículas em cursos de graduação presenciais, por turno, verificouse que dos 8.048.701 alunos matriculados em 2016, 6.554.283 (81,43%) o cursavam presencialmente, sendo 2.579.891 (39,36%) no período Diurno e 3.974.392 (60,64%) no período noturno (BRASIL, 2017).

Segundo a mesma pesquisa, os jovens são maioria entre os que procuram o ensino superior. Os dados indicam que, no Brasil, aproximadamente 51,6% desses alunos possuem

entre 17 e 24 anos. A outra parte se divide em adultos, com faixa etária de 25 a 59 anos, que são 48,1% dos alunos, e idosos, de 60 anos em diante que são 0,3% do total (BRASIL, 2017).

Segundo Cardoso e Sampaio (1994), ao analisar os estudos que buscavam enfatizar os diferentes perfis de jovens universitários, concluíram haver dois diferentes grupos: de um lado, o grupo constituído por jovens estudantes; do outro, o formado por jovens trabalhadores, caracterizado por sua antecipada inserção no mercado de trabalho. Os alunos que trabalhavam, ainda sem seu diploma de ensino superior, ocupavam na sua atividade laboral cargos de pouco prestígio e eram mal remunerados. Pesquisa realizada pelas mesmas autoras com alunos do ensino superior da cidade de São Paulo e de Campinas constatou que, naquela época, mais da metade dos alunos trabalhavam, seja em atividades de estágio, emprego informal ou emprego formal, que aproximadamente dois terços deles estavam matriculados no ensino privado e que a distribuição dos alunos trabalhadores por período em que estavam matriculados eram, respectivamente, iguais a 24,8%, 2,2%, 6,6% e 66,4% para os períodos matutino, vespertino, integral e noturno.

Em consonância, Tosta (2017) também divide os alunos universitários em dois grupos: os que trabalham e os que se dedicam integralmente aos estudos, apontando que há diferenças entre tais grupos. A autora ainda ressalta que, na pesquisa por ela realizada, as mulheres tiveram uma jornada média em afazeres domésticos mais que o dobro quando comparada com a jornada média dos homens em tais atividades.

Pesquisa de Pereira et al. (2016) concluiu que ao tentar conciliar a vida acadêmica com a vida laboral, alunos trabalhadores do período noturno comprometem sua qualidade de vida e necessitam de estratégias que promovam seu bem-estar, tanto por parte das instituições de ensino que os recebem quanto das empresas nas quais trabalham.

Segundo Unglaub (2003, p. 239): “As condições pessoais, tais como, o aspecto físico e também o psicológico, a alimentação (saudável e balanceada), a atenção e concentração, os exercícios físicos, a higiene pessoal, ajudam na predisposição para o estudo”.

O mesmo autor realizou pesquisa com estudantes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e concluiu que há indicações de que o aluno que trabalha e tem pouco tempo para seus estudos aprende a utilizar melhor o seu tempo disponível, estabelecendo melhor a prioridade do que precisa ser feito. O autor ainda destaca ser o aluno trabalhador, em geral, mais maduro, mais esforçado e mais dedicado (UNGLAUB, 2003).

Mesquita (2010) coloca a questão sobre como é estudar e trabalhar em um país com renda per capita inferior a três salários mínimos, no qual o acesso ao ensino superior ainda é difícil. A autora ressalta que condições concretas dificultam o desenvolvimento do estudo

acadêmico para estudantes trabalhadores do período noturno. A árdua rotina do aluno trabalhador muitas vezes leva-os a ter uma má formação intelectual, sem espírito investigativo, acabando por deixá-los sem as qualificações necessárias para uma boa progressão no mercado de trabalho.

3. METODOLOGIA

Segundo Mattar (2014) uma mesma pesquisa pode ter mais de uma classificação simultaneamente. A presente pesquisa pode ser classificada como quantitativa, sendo exploratória e descritiva.

A revisão da literatura realizada foi o ponto de partida para a construção de três questionários que foram aplicados aos alunos da Escola de Engenharia da Universidade Presbiteriana Mackenzie matriculados no período diurno, dependendo de eles pertencerem a cada uma destas três categorias: serem alunos trabalhadores; já terem sido alunos trabalhadores, mas atualmente não mais trabalhem; e nunca terem sido alunos trabalhadores.

Após a elaboração dos questionários, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa – Humanos da Universidade Presbiteriana Mackenzie para sua avaliação. Somente após a aprovação da pesquisa neste Comitê, sob CAAE 02645018.0.0000.0084 e parecer número 3.097.733, a pesquisa de campo foi realizada com a aplicação dos questionários nas salas de aula.

Os três tipos de questionários foram impressos em papéis de cores diferentes, de modo a facilitar sua aplicação. Os alunos foram convidados a participar de pesquisa anônima, da qual poderiam recusar-se a participar sem nenhum prejuízo. Para tanto adotou-se um protocolo no qual, em cada classe, todos os questionários devolvidos deveriam ser colocados pelos alunos em um único envelope de maneira aleatória, sendo os Termos de Consentimento Livres e Esclarecidos assinados recolhidos separadamente.

Após a consolidação do banco de dados foi realizada uma análise descritiva dos dados com cálculo de distribuição de frequências, medidas de tendência centrais de posição e de variabilidade, bem como construídos gráficos pertinentes.

Sempre que respeitadas as suposições para sua utilização, para testar a independência entre pares de variáveis foi realizado o teste Qui-Quadrado. Quando não era possível sua realização, categorias foram agrupadas e se necessário, para variáveis com dois níveis cada, foi usado o teste não paramétrico Exato de Fisher.

Para comparação de diferença de médias em dois grupos foi utilizado o teste t-deStudent, antes verificando se as variâncias eram iguais. Para optar pelo teste de igualdade de variâncias mais adequado, testou-se a aderência das variáveis em cada grupo à distribuição Normal (MONTGOMERY; RUNGER, 2016).

Para comparação de médias da mesma variável em três ou mais grupos, devido ao pequeno tamanho dos grupos e não aderência das variáveis em cada grupo à distribuição Normal, foi realizado o teste não-paramétrico de Kruskal-Wallis. Quando os dados eram de amostras correspondentes a comparação das três ou mais médias foi realizada utilizando-se o teste de Friedman (MONTGOMERY; RUNGER, 2016, SIEGEL; CASTELLAN JR., 2008).

Todos os intervalos de confiança foram calculados adotando-se uma confiança igual a 95% e para todos os testes de hipótese foram adotados níveis de significância de 5%, sendo assim rejeitadas as hipóteses com níveis descritivos (valores-p) inferiores a 0,05.

As análises estatísticas foram realizadas utilizando-se os programas Microsoft Excel® e o Minitab® Statistical Software v. 18.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

A pesquisa foi realizada durante os meses de maio e junho de 2019, sendo pesquisados alunos da 1ª à 6ª etapa dos cursos de Engenharia do período diurno. A amostragem foi por acessibilidade, porém as turmas pesquisadas foram sorteadas de modo estratificado, levando-se em conta o curso e o período (matutino e vespertino). Os questionários foram aplicados durante o horário de aula. Desta forma, alunos que não estavam matriculados nesta disciplina ou faltaram no dia da pesquisa não compuseram a amostra. Alunos menores de 18 anos e alunos que cursavam a maior parte das disciplinas no período noturno foram orientados a não responder a pesquisa. Quando em sala, os alunos foram convidados a participar da pesquisa, sendo esclarecido o anonimato e a não obrigatoriedade de participação da mesma, tendo sido assinados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo estes entregues em separado.

Usando como variáveis de estratificação o curso (Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica e Engenharia de Produção) e a variável período (vespertino para a 1ª, 2ª e 3ª etapa do curso e matutino para a 4ª, 5ª e 6ª etapa do curso) foram sorteadas 13 turmas, aproximadamente um terço das turmas existentes, para que fossem aplicados os questionários. Nestas turmas cerca de 70% dos alunos responderam ao questionário, resultando que pouco menos de 25% dos alunos do curso de Engenharia diurno, com no mínimo 18 anos, participaram da pesquisa.

Foi coletada uma amostra de 365 pesquisados da qual 38 (10,41%) eram alunos que já trabalharam, 281 (76,99%) alunos que nunca trabalharam e 46 (12,60%) alunos trabalhadores. Destes 51,23% estudavam no período matutino, 76,16% eram do sexo masculino, a idade variou de 18 a 35 anos com média igual a 20,1 anos.

A renda domiciliar mensal indicada na amostra, em salário mínimo (s.m.) vigente na época da pesquisa, foi respectivamente igual a até 3 s.m., mais de 3 até 5 s.m., mais de 5 até 10 s.m., mais de 10 até 15 s.m., mais de 15 até 20 s.m. e mais de 20 s.m. para 9,32%, 6,30%, 14,25%, 10,96%, 7,95% e 18,90% da amostra. Ressalta-se que 32,33% dos pesquisados não sabiam a renda domiciliar ou não quiseram responder à esta questão.

Tem-se também que 14,79% dos respondentes eram beneficiários de programas do Governo Federal de acesso ao ensino superior privado, sendo que entre os bolsistas 86,73% tinham bolsa parcial PROUNI, 9,43% bolsa integral PROUNI e 3,77% bolsa FIES. Também 9,59% eram beneficiados de programas universitários da UPM, sendo que entre os bolsistas 8,82% tinham bolsa do PRAVALER, 8,82% do Bradesco, 41,18% bolsa Filantrópica e 41,18% outras bolsas.

Quanto à moradia, 83,56% apontaram morar com mãe, pai, tios, avós, 3,84% só com irmãos, primos, 8,22% sozinhos, 0,55% com cônjuge/companheiro(a) e 3,84% com amigos.

Apenas 69,04% (I.C. = [64,30; 73,78] %) dos pesquisados indicaram ter conhecimento sobre bolsas oferecidas, como as de monitoria, de projetos de iniciação científica ou de outros projetos de pesquisa e extensão da UPM e 5,75% já tiveram este tipo de bolsa. Também apenas 77,81% (I.C. = [73,55; 82,07] %) dos respondentes apontaram ter conhecimento sobre a Empresa Júnior de Engenharia sendo que 4,93% pertencem ou já pertenceram a seus quadros.

Os pesquisados apontaram que na época do vestibular, 60,55% não pretendiam se tornar um aluno trabalhador antes da sétima etapa, 5,21% pretendiam e 34,25% não tinham pensado no assunto.

Quanto ao número semanal médio de horas que o aluno se dedica para os estudos fora da faculdade quando não está em época de provas a média encontrada foi de 8,3 h (I.C.= [7,3; 9,2] h). Já em época de provas a média foi de 18,5 h (I.C.= [16,9; 20,1] h).

Ao serem perguntados o quão frequente pensavam em desistir do curso de Engenharia, 45,48% responderam que nunca, 31,23% poucas vezes, 14,52% às vezes, 6,30% muitas vezes e 2,47% sempre.

Sobre qualidade de vida hoje, a autoavaliação da saúde física foi 1,37% péssima, 9,32% ruim, 22,47% regular, 43,56% boa e 23,29% ótima. A autoavaliação da saúde mental

foi 2,74% péssima, 15,34% ruim, 23,01% regular, 38,90% boa e 20,00% ótima. Já a alimentação foi autoavaliada 5,21% como péssima, 13,15% como ruim, 31,23% como regular, 36,44% como boa e 13,97% como ótima. Por último, a autoavaliação quanto ao sono foi 10,14% péssima, 20,82% ruim, 32,05% regular, 28,22% boa e 8,77% ótima.

4.1 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO PARA O ALUNO TRABALHADOR.

Na presente pesquisa foi coletada uma amostra de 46 alunos trabalhadores, na qual 45,65% exercem atividade informal, 41,30% estão estagiando e apenas 13,04% já estão efetivos. Também 26,09% dos pesquisados indicaram que ingressaram no mercado de trabalho na 1ª etapa, 13,04% na 2ª etapa, 15,22% na 3ª etapa, 21,74% na 4ª etapa, 19,57% na 5ª etapa e apenas 4,35% na 6ª etapa. Ressalta-se que 41,31% ingressaram no mercado de trabalho durante o segundo ano do curso (3ª etapa e 4ª etapa).

A porcentagem dos alunos trabalhadores que indicaram que depois de ingressar no mercado de trabalho, seu objetivo principal continuou sendo o curso foi igual a 89,13% (I.C. = [76,43, 96,64] %).

Os alunos trabalhadores gastam em média 5,8 h (I.C. = [5,3; 6,2] h) no trabalho e 1,5 h (I.C. = [1,2; 1,8] h) no deslocamento até o trabalho. Utilizando o Teste de Kruskal-Wallis foi constatado que dentre os alunos trabalhadores, não havia diferença no número médio de horas gastas na atividade laboral em função do tipo de vínculo da atividade exercida: informal, estágio ou empregado efetivo ($p = 0,124$). A porcentagem de alunos que passam mais de 6 horas no trabalho foi igual a 13,04% (I.C.= [4,94; 26,26] %).

Ressalta-se que para estagiários, a lei exige um tempo máximo de trabalho de 6h. Este valor foi arbitrado de modo a minimizar os efeitos prejudiciais da atividade laboral na vida do aluno trabalhador. Entretanto nesta amostra, um dentre os 19 estagiários apontou ter uma atividade no estágio de em média 7 horas diárias e 13% dos alunos exercem carga laboral superior a 6 horas. Embora os alunos pesquisados estejam no máximo na 6ª etapa do curso, ainda longe de sua conclusão, 58,70% (I.C.= [43,23; 73,00] %) dos alunos exercem atividades no mercado que não a de estagiário, não havendo assim regulação para carga horária máxima de trabalho.

Quando questionados se na época do vestibular, pretendiam se tornar um aluno trabalhador antes da sétima etapa 21,74% indicaram que não, 56,52% indicaram que sim e 21,74% disseram que não pensavam neste assunto.

A hipótese de que a frequência média com que os alunos trabalhadores pensavam em desistir do curso de Engenharia era no máximo pouco ($H_0: \mu \leq 2$) não foi rejeitada ($p = 0,222$),

o que condiz com a afirmação de Costa (2014) de que a educação é fator determinante para a formação com respeito ao mercado de trabalho, havendo pressão constante para que os jovens sigam estudando de modo a melhorar sua qualificação.

Os motivos de ingressar no mercado de trabalho precocemente foram: 69,57% por independência, 69,57% para adquirir experiência para o currículo, 36,96% para ajudar na renda familiar; 26,09% para se manter no curso 23,91% a ascensão social, 10,87% por pressão social e 6,82% alegaram outros motivos.

Ao avaliar o quanto o seu rendimento acadêmico era prejudicado por causa da dupla jornada a resposta foi 6,52%, 13,04%, 41,30%, 28,26% e 10,87% respectivamente para nada, pouco, moderadamente, muito e totalmente. Já a avaliação da influência positiva do trabalho o seu desempenho acadêmico foi 19,57%, 17,39%, 36,96%, 17,39% e 8,70% respectivamente para nada, pouco, moderadamente, muito e totalmente.

Ao se atribuir uma escala de 1 a 5 correspondentes as respostas “nada” até “totalmente”, o prejuízo médio no rendimento acadêmico por causa da dupla jornada foi igual a 3,2 (I.C. = [2,9; 3,5]) considerado superior a 2. Por sua vez a influência média positiva no desempenho acadêmico devido a atividade laboral foi igual a 2,8 (I.C. = [2,4; 3,1]) considerado superior a 2. Conclui-se então que o rendimento acadêmico foi influenciado tanto para mais ($p = 0,000$) quanto para menos ($p = 0,000$) pela situação do aluno ser trabalhador. Ao se analisar as diferenças individuais das influências negativas e positivas do aluno estar trabalhando conclui-se que, em média, o fato de estar trabalhando, mais atrapalha do que ajuda o rendimento acadêmico ($p = 0,036$).

Ao assinalar as influências positivas que o trabalho trazia para seu desempenho acadêmico, 63,04% indicaram o aprimoramento de suas habilidades que dizem respeito às relações pessoais, 63,04% que possibilitava conhecer diversas áreas de atuação da profissão, descobrir interesses, orientar escolhas dentro do curso e de projeto profissional, 43,48% que fazia o paralelo entre o conhecimento do que se aprende na faculdade com o conhecimento da prática, o que melhora seu desempenho acadêmico e 13,04% indicaram haver outras influências positivas.

Quanto às influências negativas que o trabalho trazia para seu desempenho acadêmico, 65,22% indicaram que devido à dupla jornada, tinham dificuldades em gerenciar seu tempo para os estudos, causando a diminuição do desempenho acadêmico, 50% que tinham dificuldades em manter-se interessados nas aulas por causa do cansaço devido à dupla jornada, 30,43% passaram a ter mais faltas na faculdade, 47,83% passaram a chegar mais atrasado nas aulas, 23,91% sentiam que houve uma diminuição de seu interesse nas

aulas e nos assuntos que diziam respeito à faculdade e 6,52% indicaram haver outras influências negativas.

A pesquisa indicou a porcentagem dos alunos trabalhadores que ao chegar ao trabalho se sentiam: 67,39% cansados, 39,13% felizes, 21,74% com problemas de sono, 15,22% tensos e agitados, 10,87% com dores de cabeça e 10,87% desinteressados. Tem-se também que a porcentagem dos alunos trabalhadores que ao chegar na universidade se sentiam foi: 56,52% cansados, 28,26% felizes, 26,09% com problemas de sono, 19,57% desinteressados 13,04% tensos e agitados e 8,70% com dores de cabeça. Baseado em testes para proporção não se rejeitou a hipótese de que no mínimo 50% dos alunos estavam chegando ao trabalho cansados ($p = 0,994$) e no mínimo 50% estavam chegando ao trabalho felizes ($p = 0,092$). Também não se rejeitou a hipótese de que no mínimo 50% dos alunos estavam chegando ao trabalho cansados ($p = 0,849$).

Sobre qualidade de vida hoje, a autoavaliação da saúde física foi: 2,17% péssima, 10,87% ruim, 32,61% regular, 34,78% boa e 19,57% ótima. A autoavaliação da saúde mental foi 6,52% péssima, 23,91% ruim, 30,43% regular, 30,43% boa e 8,70% ótima. Já a alimentação foi autoavaliada 8,70% como péssima, 21,74% como ruim, 28,26% como regular, 26,09% como boa e 15,22% como ótima. Por último, a autoavaliação quanto ao sono foi 9,57% péssima, 30,43% ruim, 34,78% regular, 10,87% boa e 4,35% ótima.

Para os alunos trabalhadores, não se rejeitou a hipótese de que a média de seu estado de saúde mental, sua alimentação e seu sono era no máximo regular (valores- p respectivamente iguais a 0,249, 0,165 e 0,999) e somente a saúde física foi avaliada em média como acima de regular ($p = 0,000$). Utilizando-se uma escala de 1 a 5 para as classificações das avaliações, o teste de Friedman confirmou tal resultado indicando que as avaliações médias diferiram ($p = 0,000$) tendo a saúde física e o sono obtido respectivamente a melhor e a pior classificação.

Essas constatações estão de acordo com os resultados apresentados por Pereira et al. (2016) de que o aluno trabalhador, com sua rotina de dupla jornada, possui pouco tempo disponibilizado para estudar, descansar e até mesmo dormir, além de ter, em geral, uma má alimentação, levando tal situação a interferir na sua vida acadêmica, laboral e até mesmo familiar.

4.2 COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS DAS ANÁLISES DOS TRÊS QUESTIONÁRIOS

Algumas conclusões foram possíveis, considerando-se os três grupos: alunos trabalhadores, alunos que nunca trabalharam e alunos que já trabalharam, mas não trabalham mais.

As interpretações dos testes Qui-Quadrado de independência resultaram que o aluno que é trabalhador proporcionalmente foi mais beneficiado de programas do Governo Federal de acesso ao ensino superior privado ($p = 0,015$) e pertenceu com maior frequência à Empresa Júnior de Engenharia ($p = 0,000$). Proporcionalmente o aluno que já trabalhou e não mais trabalha considera mais sua saúde mental excelente. Por outro lado, o que trabalha considera proporcionalmente mais sua saúde mental ruim ou péssima ($p = 0,046$). Também proporcionalmente quem já trabalhou e não mais trabalha considera mais seu sono excelente, enquanto que quem trabalha considera mais seu sono ruim ou péssimo ($p = 0,003$).

Utilizando o Teste de Kruskal-Wallis foi constatado que entre os pesquisados, a idade média diferiu nos três grupos, sendo menor no grupo de alunos que nunca trabalharam (19,8 anos) e maior no grupo de alunos trabalhadores (21,4 anos) ($p = 0,000$).

O teste de Kruskal-Wallis para diferença de médias para a avaliação da saúde mental hoje (em uma escala de 1 a 5) versus grupo concluiu que há diferença nas médias nos três grupos, sendo maior no grupo de alunos que já trabalharam, mas não trabalham mais (3,947, equivalente praticamente a boa) e menor no grupo de alunos trabalhadores (3,109, pouco acima de regular) ($p = 0,001$). Na média da avaliação da qualidade do sono nos dias de hoje também se identificou diferença nos três grupos, sendo maior no grupo de alunos que já trabalharam, mas não trabalham mais (3,447, entre regular e bom) e menor no grupo de alunos trabalhadores (2,500, entre ruim e regular) ($p = 0,000$). A avaliação média da saúde física e da alimentação foi igual nos 3 grupos tendo os testes respectivamente $p = 0,240$ e $p = 0,051$. Ressalta-se que embora a média da avaliação da alimentação não tenha diferido nos três grupos, pesquisa futura pode vir a confirmar a tendência aqui encontrada de quem já trabalhou, mas não mais exerce atividade laboral, ter melhor avaliação da qualidade de alimentação.

As diferenças detectadas quanto à avaliação da saúde mental e da qualidade do sono estão alinhadas com o discurso de Pereira et al. (2016) que, após pesquisa realizada com alunos trabalhadores do período noturno, concluiu que ao tentar conciliar a vida acadêmica com a vida laboral os alunos comprometem sua qualidade de vida. Pode-se concluir que assim como os alunos trabalhadores do noturno, os alunos trabalhadores do diurno de um curso de Engenharia também comprometem sua qualidade de vida ao tentar conciliar sua dupla jornada.

Ainda utilizando-se o teste de Kruskal-Wallis concluiu-se que o tempo semanal de estudo em época normal difere nos três grupos, sendo maior no grupo de alunos que nunca trabalharam (8,8 h) e menor no grupo de alunos trabalhadores (4,6 h) ($p = 0,001$). O mesmo resultado foi encontrado para época de provas, com em média 19,5 h de estudo semanal para o aluno que nunca trabalhou e 14,2 h para o aluno trabalhador ($p = 0,028$). Tais resultados estão de acordo com Pereira et al. (2016), que afirma que o aluno trabalhador, com sua rotina de dupla jornada, possui pouco tempo disponibilizado para estudar.

Ao avaliar quão frequente o aluno pensava em desistir do curso de Engenharia, em uma escala de 1 a 5 e utilizando-se o teste de Kruskal-Wallis, as frequências médias foram consideradas iguais nos três grupos, estando em torno de 2, o equivalente a poucas vezes ($p = 0,052$).

O grupo a que pertence o aluno foi independente de sexo ($p = 0,420$), renda ($p = 0,242$), na época do vestibular pretender se tornar um aluno trabalhador antes da sétima etapa ($p = 0,834$), com quem mora ($p = 0,058$), ter conhecimento sobre bolsas oferecidas, como as de monitoria, de projetos de iniciação científica ou de outros projetos de pesquisa e extensão da UPM ($p = 0,708$), ter tido alguma destas bolsas ($p = 0,966$), ter conhecimento sobre a Empresa Júnior de Engenharia ($p = 0,358$), frequência com que pensou em desistir do curso de Engenharia ($p = 0,095$), avaliação do seu estado de saúde física hoje ($p = 0,273$), avaliação da sua alimentação hoje ($p = 0,101$).

4.3 COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS DAS ANÁLISES DOS QUESTIONÁRIOS PARA ALUNOS TRABALHADORES E ALUNOS QUE JÁ FORAM TRABALHADORES

Algumas variáveis não foram abordadas nos três instrumentos de pesquisa por não serem pertinentes em algumas situações. As análises que se seguem foram realizadas baseadas nos questionários dos alunos trabalhadores e dos alunos que já foram alunos trabalhadores, mas atualmente não mais trabalham.

Houve independência entre pertencer a um dos dois grupos e as variáveis: tipo de atividade exercida no mercado de trabalho ($p = 0,943$), depois que ingressar no mercado de trabalho, seu objetivo principal continuar sendo o curso ($p = 0,325$), a etapa na qual ingressou no mercado de trabalho ($p = 0,621$), na época do vestibular pretender se tornar um aluno trabalhador antes da sétima etapa ($p = 0,787$), frequência com que pensa em desistir do curso de Engenharia ($p = 0,172$), avaliação do prejuízo causado no rendimento acadêmico por causa da dupla jornada ($p = 0,697$) e avaliação da influência positiva do trabalho no rendimento acadêmico ($p = 0,170$).

Pertencer a cada um dos dois grupos também foi independente a ter como motivo para decidir ingressar no mercado de trabalho precocemente (antes da sétima etapa) ajudar na renda familiar ($p = 0,631$), independência ($p = 0,535$), para adquirir experiência para o currículo ($p = 0,535$), para se manter na faculdade ($p = 0,252$) e por pressão social ($p = 0,355$). Entretanto não houve independência entre grupo e ter como motivo para decidir ingressar no mercado de trabalho precocemente a ascensão social ($p = 0,050$), sendo que proporcionalmente o aluno que é trabalhador visa mais a ascensão social.

As avaliações das seguintes influências positivas que o trabalho trouxe para o desempenho acadêmico foram independentes de o aluno ser trabalhador ou já ter sido trabalhador: fazer o paralelo entre o conhecimento do que se aprende na faculdade com o conhecimento da prática, o que melhora o desempenho acadêmico ($p = 0,264$), aprimoramento das habilidades que dizem respeito às relações pessoais ($p = 0,606$), Entretanto, proporcionalmente quem é aluno trabalhador apontou mais do que o aluno que já trabalhou mas não trabalha mais como influência positiva que o trabalho trouxe para seu desempenho acadêmico a possibilidade de conhecer diversas áreas de atuação da profissão, descobrir interesses, orientar escolhas dentro do curso e de projeto profissional ($p = 0,009$).

As avaliações das seguintes influências negativas que o trabalho trouxe para o desempenho acadêmico foram independentes de o aluno ser trabalhador ou já ter sido trabalhador: devido a dupla jornada, ter dificuldades em gerenciar seu tempo para os estudos, causando a diminuição do seu desempenho acadêmico ($p = 0,845$), ter dificuldades em manter-se interessado nas aulas por causa do cansaço devido à dupla jornada ($p = 0,335$), sentir que houve uma diminuição do seu interesse nas aulas e nos assuntos que dizem respeito à faculdade ($p = 0,197$), passar a ter mais faltas na faculdade ($p = 0,712$), passar a chegar mais atrasado nas aulas ($p = 0,208$).

O grupo a que pertence o aluno foi independente dos seguintes estados ao chegar ao trabalho: estar cansado ($p = 0,530$), estar tenso e agitado ($p = 0,325$), estar com problemas de sono ($p = 0,832$), estar com dores de cabeça ($p = 0,747$), estar desinteressado ($p = 0,644$) e estar feliz ($p = 0,215$).

O grupo a que pertence o aluno também foi independente dos seguintes estados ao chegar à universidade: estar cansado ($p = 0,102$), estar tenso e agitado ($p = 0,988$), estar com problemas de sono ($p = 0,289$), estar com dores de cabeça ($p = 0,895$) e estar desinteressado ($p = 0,64$). Entretanto não houve independência entre grupo e chegar feliz à universidade pois, proporcionalmente, o aluno trabalhador chega mais feliz à universidade ($p = 0,044$).

Finalmente, quanto aos fatores ligados à qualidade de vida, houve independência entre grupo e avaliação da saúde física ($p = 0,150$), da saúde mental ($p = 0,499$) e da alimentação ($p = 0,269$). Entretanto houve dependência entre grupo e avaliação do sono, sendo que, proporcionalmente, o aluno trabalhador indicou mais a avaliação de seu sono como péssimo ou ruim ($p = 0,001$).

Por meio do teste t-de-Student concluiu-se que as horas gastas em média no trabalho foram iguais para os dois grupos ($p = 0,331$). Mais especificamente, os alunos trabalhadores gastaram em média 5,8 h (I.C. = [5,3; 6,2] h) no trabalho enquanto os alunos que já foram trabalhadores gastaram em média 6,3 h (I.C. = [5,4; 6,9] h) no trabalho.

4.4 ALGUMAS ANÁLISES DOS DADOS OBTIDOS NOS QUESTIONÁRIOS DOS ALUNOS QUE NUNCA TRABALHARAM E DOS QUE TRABALHARAM, MAS NÃO TRABALHAM MAIS

A análise de algumas das variáveis abordadas pode trazer alguma contribuição adicional para a presente pesquisa.

Quando os alunos que nunca trabalharam foram questionados sobre os motivos pelos quais decidiram não ingressar no mercado de trabalho precocemente, 59,43% responderam que decidiram priorizar sua vida acadêmica, 53,38% temiam prejudicar suas notas e aumentar a chance de pegar dependências, 40,57% ainda pretendem ingressar antes da sétima etapa no mercado de trabalho, porém acham conveniente estar mais adiantado no curso, 37,37% indicaram não ter necessidade financeira de trabalhar precocemente, 33,45% acharam que a dupla jornada seria cansativa e desgastante, 28,11% por falta de oportunidade e 10,68% acharam que não seria produtivo.

A análise dos dados coletados nos questionários respondidos pelos alunos que já trabalharam, mas não trabalham mais, levou a algumas conclusões relevantes:

Quando trabalhava, o aluno estudava, em média, menos do que quando não está trabalhando ($p = 0,000$ tanto para época normal, quanto para época de provas). Em época normal estudava, em média, quando trabalhava, menos do que quando não trabalha 4,96 h

(I.C. = [2,96; 6,97]). Em época de provas estudava, em média, quando trabalhava, menos do que quando não trabalha 5,13 h (I.C. = [2,51; 7,75]).

Também na época em que trabalhavam os alunos pensavam mais frequentemente em desistir do curso de Engenharia ($p = 0,000$).

Questionados sobre as razões por terem desistido da dupla jornada, os alunos que já trabalharam apontaram 47,37% que pretendem ingressar novamente antes da sétima etapa

no mercado de trabalho, porém acham conveniente estar mais adiantado no curso, 44,74% que a dupla jornada era para ele cansativa e desgastante, 44,74% que decidiram priorizar a vida acadêmica, 34,21% que o trabalho começou a prejudicar suas notas e aumentou a chance de se pegar dependências, 10,53% apontaram a falta de oportunidade, 7,89% que não tinham necessidade financeira de trabalhar precocemente, 7,89% que perceberam que não era produtivo e 5,26% apontaram outros motivos.

As porcentagens de melhora na avaliação da qualidade da saúde física, saúde mental, alimentação e sono com o fato do aluno parar de trabalhar foram iguais respectivamente a 57,89%, 57,89%, 25,63% e 63,16%, porém estas porcentagens não foram significativamente superiores a 50%, com níveis descritivos dos testes respectivamente iguais a 0,209, 0,209, 0,436 e 0,072. Entretanto, ao se levar em conta a magnitude da mudança, utilizando-se uma escala de 1 a 5, variando de péssimo a excelente, as diferenças médias obtidas para a avaliação da qualidade da saúde física, saúde mental, alimentação e sono, ao se parar de trabalhar, foram iguais respectivamente a 0,842, 1,000, 1,026 e 1,211 tendo todas estas diferenças sendo significativamente maiores do que 0 ($p = 0,000$ para os quatro testes).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu identificar algumas características relevantes tanto dos alunos de um curso de Engenharia diurno como, em particular, do aluno trabalhador deste curso.

Embora seja um curso diurno que passa a ser noturno a partir da 7ª etapa, 12,6% dos alunos estavam trabalhando enquanto 10,4% já haviam trabalhado durante o curso.

Aproximadamente um quarto dos alunos do diurno apontou fazer parte de programas de acesso ao ensino superior privado do Governo Federal ou da própria instituição e mesmo assim, na época do vestibular cerca de um terço deles não haviam pensado se pretendiam ou não se tornar alunos trabalhadores antes da sétima etapa, e somente em torno de 5% queriam trabalhar durante a parte diurna do curso. Dentre os alunos trabalhadores, 21,7% já pretendiam, na época do vestibular se tornar alunos trabalhadores.

Entre os alunos trabalhadores a maioria exerce atividade informal ou já foi efetivado no trabalho, sendo que 41,3% ingressaram no mercado de trabalho durante o segundo ano do curso e 13,0% passam mais de 6 horas em seu trabalho. Ressalta-se que quase 90% dos alunos trabalhadores indicaram que depois de ingressar no mercado de trabalho, seu objetivo principal continuou sendo seu curso e que a frequência média com que os alunos trabalhadores pensam em desistir do curso de Engenharia foi no máximo poucas vezes.

Os motivos mais apontados de ingressar no mercado de trabalho precocemente foi a busca por independência e para adquirir experiência para o currículo. Somente pouco mais

de um terço dos pesquisados apontou como motivo ajudar a renda familiar. As maiores influências positivas do trabalho no desempenho acadêmico foram o aprimoramento de suas habilidades que dizem respeito às relações pessoais e à possibilidade de conhecer diversas áreas de atuação da profissão, descobrir interesses, orientar escolhas dentro do curso e de projeto profissional. Já as negativas foram que devido à dupla jornada, tinham dificuldades em gerenciar seu tempo para os estudos, causando a diminuição do desempenho acadêmico e dificuldades em manter-se interessados nas aulas por causa do cansaço devido à dupla jornada.

A pesquisa indicou que 67,4% dos alunos trabalhadores chegam ao trabalho cansados, porém 39,1% chegam felizes. Os alunos trabalhadores avaliaram a média de seu estado de saúde mental, sua alimentação e seu sono no máximo como regular e somente a saúde física foi avaliada em média como acima de regular.

Comparando-se os três grupos (alunos trabalhadores, alunos que nunca trabalharam e alunos que já trabalharam, mas não trabalham mais) concluiu-se que as idades diferem sendo menor no grupo dos alunos que nunca trabalharam e maior no de alunos trabalhadores, que o tempo semanal de estudo em época normal e de provas é maior no grupo de alunos que nunca trabalharam e menor no grupo de alunos trabalhadores, que o aluno que é trabalhador proporcionalmente foi mais beneficiado de programas do Governo Federal de acesso ao ensino superior privado, pertenceu com maior frequência à Empresa Júnior de Engenharia e considera mais sua saúde mental e sono ruins ou péssimos.

Quando os alunos que nunca trabalharam foram questionados sobre o motivo pelo qual decidiram não ingressar no mercado de trabalho precocemente a maioria apontou ter decidido priorizar sua vida acadêmica e temer prejudicar suas notas e aumentar a chance de pegar dependências.

Os alunos que trabalharam, mas não exercem mais a atividade laboral indicaram que, quando trabalhavam, estudavam menos horas semanais e que pensavam mais frequentemente em desistir do curso de Engenharia. Questionados sobre as razões por terem desistido da dupla jornada, apontaram principalmente que pretendiam ainda ingressar novamente antes da sétima etapa no mercado de trabalho, porém achavam conveniente estar mais adiantado no curso, que a dupla jornada era para eles cansativa e desgastante e que decidiram priorizar a vida acadêmica. Também avaliaram que ao parar de trabalhar houve melhora na qualidade de sua saúde física, saúde mental, alimentação e sono.

O tema abordado nesta pesquisa ainda precisa ser mais explorado. Esta pesquisa forneceu alguns dados relevantes, porém sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas, inclusive comparando-se o perfil do aluno trabalhador noturno e diurno.

Como limitação da pesquisa, tem-se que um tamanho de amostra maior levaria a um maior poder dos testes realizados, podendo ter havido a não detecção de alguma variável com comportamento diferente nos três grupos analisados, em especial no grupo do aluno trabalhador.

Espera-se, entretanto, que os resultados obtidos nesta pesquisa, possam levar as instituições de ensino a sugerir ações que beneficiem tanto seus alunos como as próprias instituições.

A identificação de motivos que levam os alunos do curso diurno a serem alunos trabalhadores pode auxiliar as instituições de ensino a inovarem na forma de se relacionar com seus alunos, seja orientando sobre o momento mais adequado de ingressar no mercado de trabalho ou orientando sobre atividades disponibilizadas. Ressalta-se que a dupla jornada pode vir a comprometer uma melhor formação acadêmica do aluno, levando muitas vezes a sua reprovação e até mesmo a sua evasão do curso. A permanência do aluno e seu melhor aproveitamento do curso trazem benefícios tanto para o aluno como para a universidade.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo de Financiamento Estudantil. **O que é o FIES**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://sisfiesportal.mec.gov.br/?pagina=fies>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Sinopses Estatísticas da Educação Superior – Graduação**. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-daeducacao-superior>>. Acesso em: 8 mar. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Universidade para Todos - Manual de orientação ao bolsista**, Brasília, 2015. Disponível em: <http://prouniportal.mec.gov.br/images/pdf/manual_bolsista_prouni.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2018.

CARDOSO, C. L. R.; SAMPAIO, H. **Estudantes universitários e o trabalho**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), São Paulo, 1994. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_03.htm>. Acesso em: 13 mar. 2018

CONFERÊNCIA MUNDIAL DO ENSINO SUPERIOR (1998 Paris) **Tendências da educação superior para o século XXI**. Brasília: UNESCO, 1999.

COSTA, F. S. O Prouni e seus egressos: uma articulação entre educação, trabalho e juventude. **Interfaces da Educ.**, Paranaíba, v. 5, n. 14, p. 144-156, 2014. Disponível em: <<http://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/474/440>>. Acesso em 20 mar. 2018.

FERREIRA, L.; BARROS, P. M. O. Uma análise do discurso do aluno trabalhador acerca de sua evasão: caso específico do curso de matemática da UEM. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 34, p. 1- 26, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v34/19826621-edur-34-e171043.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**: Metodologia, planejamento, execução e análise. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

MESQUITA, M. C. G. D. **O trabalhador estudante do ensino superior noturno: possibilidades de acesso, permanência com sucesso e formação**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Católica de Goiás, 2010. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/677/1/MARIA%20CRISTINA%20DAS%20GRACAS%20DUTRA%20MESQUITA.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

MONTGOMERY, D. C.; RUNGER, G. C. **Estatística Aplicada e Probabilidade para Engenheiros**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

PEREIRA, M. S. et al. A relação entre as condições de trabalho e saúde dos estudantes trabalhadores. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 9, n. 3, p. 525-535, set./dez. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/5573/2920>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

SANTOS, A. L.; GIMENEZ, D. M. Inserção dos jovens no mercado de trabalho. **Estudos Avançados**, v. 29, n. 85, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142015000300011&lng=en&tlng=en>. Acesso em: 22 mar. 2018.

SIEGEL, S.; CASTELLAN JR., N. J. **Estatística não-paramétrica para ciências do comportamento**. Métodos de Pesquisa. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006, reimpressão 2008.

SOUTO, A. C. M. L. A. **A fábula das abelhas e a sustentabilidade socioambiental: um novo paradigma ético do direito ao desenvolvimento no BRICS**. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/bitstream/tede/9634/2/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

TOSTA, T. L. A participação de estudantes universitários no trabalho produtivo e reprodutivo. **Caderno de Pesquisa**, v. 47, n. 165, p. 896-910, jul./set. 2-17. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v47n165/1980-5314-cp-47-165-00896.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

UNGLAUB, E. **Diligência de estudantes de graduação de tempo integral e tempo parcial**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/253627>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

VIEIRA, D. A.; CAIRES, S.; COIMBRA, J. L. Do ensino superior para o trabalho: Contributo dos estágios para inserção profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 12, n. 1, p. 29-36, 2011. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902011000100005>.
Acesso em: 22 mar. 2018.

Contatos: ludmillafagundesc@gmail.com e raquel.cymrot@mackenzie.br